

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Biológicas
Instituto de Física
Instituto de Química
Faculdade UnB Planaltina

Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

Tangenciando intimidades

Propostas para a educação sexual emancipatória na EJA

Marina Nunes Teixeira Soares

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília (PPGEC-UnB) tem como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências a elaboração de uma proposição de ação profissional docente, que deve ser elaborada com objetivo de contribuir para a ação do profissional de ensino no que diz respeito à temática pesquisada.

Apresento, como parte dos meus trabalhos desenvolvidos no mestrado, esta proposição de ação profissional que chamo de Proposição Didática. Esta Proposição insere-se na problemática abordada na dissertação de mestrado que elaborei, intitulada *Existir e deixar existir: possíveis contribuições do Ensino de Ciências à educação sexual de jovens e adultos à luz de uma abordagem emancipatória de ensino*, sob orientação da professora Maria Luiza de Araújo Gastal. Esta Proposição nasceu após a realização de pesquisa-ação em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir dos dados e resultados, construídos e analisados. Tais dados foram construídos a partir dos diálogos estabelecidos em sala de aula ao longo das ações pedagógicas implementadas.

O que apresento aqui são propostas de abordagens em sala de aula para temas que entendo como importantes no contexto da

Educação Sexual e que podem ser trabalhados sob diferentes perspectivas. Procurei construir essas propostas a partir de um olhar histórico-cultural, que entendo ser necessário para a construção de práticas pedagógicas emancipatórias. Contudo, as propostas aqui apresentadas não têm sentido por si só, sendo a disseminação de seus frutos dependentes de uma abordagem pedagógica dialógica por excelência. Além disso, como as ideias para esta proposição nasceram em um contexto sócio-cultural específico, que são as aulas de ciências em turmas da EJA, pode ser que precisem ser resignificadas para uso em outros contextos de ensino-aprendizagem.

Gostaria de viabilizar, com este material, inspirações teóricas e metodológicas para contribuir com possíveis abordagens emancipatórias da Educação Sexual (ES) no contexto do Ensino de Ciências (EC) na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inspirações, essas, que desejo que impulsionem sopros de entusiasmo para que várias outras formas de trabalhar temas correlatos à ES sejam pensadas, propostas e experimentadas por professores de Ciências.

Educação sexual emancipatória e Ensino de Ciências: diálogos possíveis, talvez necessários

A Educação Sexual formal, realizada na escola, pode ser abordada como um *tema transversal*, como nos sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹. Nesse sentido, entende-se que ela deva ser abordada pelas mais variadas disciplinas em diferentes contextos. Sabemos, contudo, que os temas relacionados à ES estabelecem relações de continuidade com vários dos conteúdos trabalhados pelas disciplinas de Ciências e Biologia. Doenças sexualmente transmissíveis, os aspectos anatômicos e fisiológicos dos sistemas sexuais, e a reprodução humana, por exemplo, são somente alguns dos conteúdos presentes nos currículos dessas disciplinas que tangenciam os temas abordados pela ES. Assim, é fácil notar que surge, no contexto das aulas de ciências e Biologia, um espaço privilegiado para a discussão de tais temas.

Há, como em outras áreas do ensino, diferentes abordagens possíveis para os trabalhos realizados em Educação Sexual. Essas abordagens refletem concepções e entendimentos que os educadores têm a respeito do que seja educação, a respeito das

¹ Os PCNs utilizam a expressão “orientação sexual” para fazer referência ao que chamo, neste trabalho, de Educação Sexual.

sexualidades e da vida sexual humana, por exemplo. Cada abordagem define a prática docente e o perfil do/a professor/a que pensará, planejará e conduzirá as práticas pedagógicas.

O Ensino de Ciências tradicionalmente tem se pautado em uma abordagem biológico-higienista de ES, que se caracteriza por conferir ênfase na biologia essencialista e marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde com ênfase na reprodução humana, nas DSTs, na prevenção à gravidez indesejada e no planejamento familiar (FURLANI, 2011). É uma abordagem muito relacionada à noção de corpo e gênero como atributos de origem biológica. Nesse sentido, ela é tida como uma abordagem que se deixa afetar em grande medida pelo determinismo biológico².

A proposta deste trabalho vincula-se a uma abordagem emancipatória da ES. Esta, por sua vez, constitui-se como uma prática política que busca mudanças, objetivando desalojar certezas, promover debates e reflexões (FURLANI, 2011). Uma prática emancipatória deve possibilitar que professores e alunos possam rever seus sistemas de crenças, questionar supostas

² O biólogo geneticista Richard Lewontin (2001) nos apresenta o determinismo biológico como uma ideologia que encontra ponto de apoio em três ideias principais: “de que nos distinguimos nas habilidades fundamentais por causa das diferenças inatas, de que as diferenças inatas são biologicamente herdadas e se que a natureza humana garante a formação de uma sociedade hierárquica” (LEWONTIN, 2001, p.29).

verdades que trazem consigo, refletir sobre possíveis tabus e mitos que envolvem sua maneira de compreender e lidar com questões relacionadas às sexualidades, ao corpo sexuado, às diferentes identidades sexuais e de gênero, a fim de superar visões que transformem diferenças em desigualdades, que excluam e/ou marginalizem sujeitos com base em visões hegemônicas³. Para que um trabalho possa se desenvolver em consonância com essa abordagem, sugiro abraçar as ideias de Paulo Freire (2005) sobre o *diálogo* como base pedagógica para o percurso a ser trilhado em sala de aula.

Paulo Freire entende que não é possível a existência de uma educação politicamente neutra. Para ele, *o mito da neutralidade da educação leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro... Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político* (FREIRE, 1967, p. 15). Assim, assumindo o processo educativo como ato político, este pensador nos apresenta uma prática educativa libertadora, emancipatória por excelência, em contraposição ao que chama de *educação bancária*. Essa proposta está relacionada

³ O adjetivo “hegemônica” refere-se ao conceito de hegemonia – a dominação social de certo grupo, exercido não pela força bruta, mas por uma dinâmica cultural que se estende aos domínios da vida privada e social. A mídia, a educação e a ideologia podem ser canais pelos quais a hegemonia é estabelecida. (GIDDENS, 2005, p. 112).

ao abandono de uma visão de educação domesticadora, regida por um suposto grupo dominante, opressor, sobre um grupo de oprimidos. A ideia de uma educação libertadora, por sua vez, é a de uma educação capaz de estabelecer uma relação dialética com o contexto da sociedade à qual se destina (Freire, 1979). É uma abordagem da educação comprometida com uma descentralização do controle do saber.

O *diálogo* tem papel central para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica de inspiração freireana. Para Freire (2005) o diálogo pode possibilitar a inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que deve levar à crítica da situação e ao ímpeto de transformá-la. O diálogo se dá por meio de palavras, que são compreendidas nesse viés como signo cultural de mediação fundamental que podem auxiliar os seres humanos a transformarem o mundo, a *serem mais*, como nos coloca Freire (2005).

Encontramos nas propostas de Paulo Freire inspiração para um ato educativo de natureza política emancipatória. A dialética, nesse contexto, se presta não só à relação entre contexto social e educação como, também, à compreensão da dimensão da sexualidade humana para o enfoque escolar. Isso porque a sexualidade humana frequentemente é tida como uma dimensão de caráter íntimo do sujeito, mas ao mesmo tempo é uma das esferas da vida humana que concentra mais interferências sociais,

permeadas por representações carregadas de valores morais, éticos e religiosos. Essa suposta intimidade é, em certa medida, um tanto quanto pública. As interferências do *social* no que supostamente diz respeito à dimensão *individual* do sujeito constituem o cerne do enfoque teórico-conceitual proposto neste material, como veremos a seguir.

Educação sexual e Ensino de Ciências: ampliando fronteiras

Sexualidade

Sexualidade é um termo que faz parte dos discursos construídos no contexto da ES, podendo ser compreendido como um conceito complexo, muitas vezes tido como polissêmico, ou mesmo como um termo abstrato que agrupa diferentes conceitos sob uma única palavra. Em geral, esse termo relaciona-se à forma como se vive, se entende e se pratica o sexo e as relações sexuais.

Apresento nesta proposta a discussão sobre *sexualidade* tendo como referência as ideias apresentadas por Michel Foucault em **A História da Sexualidade – A vontade de saber**, e, assim como Weeks (2010), uso o termo *sexualidade* como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Foucault denominou “o corpo e seus prazeres”.

Foucault (1977) nos propõe compreender a sexualidade como um dispositivo histórico relacionado a estratégias de poder e saber, à estimulação dos corpos, à intensificação dos prazeres, à

incitação dos discursos, à formação dos conhecimentos e ao reforço dos controles e das resistências.

Refletir sobre a construção das diferentes sexualidades é importante para uma abordagem emancipatória da Educação Sexual. A sexualidade não é uma função natural e biológica do ser humano. Entretanto, o Ensino de Ciências tradicionalmente abraça essa perspectiva. Assim, costuma-se esperar dos alunos a assimilação de determinadas normas de conduta e comportamento que se vinculam ao que lhes é apresentado como *o normal*, ou como *o melhor*, ou, ainda, o que seja supostamente *natural*. Todas as condutas diversas à esperada, que é a hegemônica, portanto, são consideradas *desviantes*, *incomuns*, *anormais*, *patológicas* ou, até mesmo, *antinaturais*.

Além disso, há uma tendência higienista e ascética no trato de questões relacionadas à sexualidade, colocando-a como elemento vinculado à reprodução humana potencialmente perigoso, o que acaba por conferir grande ênfase à prevenção de doenças e gravidezes indesejadas e alocar sexo e desejo em um magistério comum ao perigo e ao medo.

O que as aulas de ciências costumam apresentar como *normal* e como *natural* são concepções que se vinculam a crenças e valores que embasam a construção dos padrões de conduta sexual tido como saudáveis e daqueles que supõe-se que devam ser

evitados. O determinismo biológico tende a embasar essas crenças. Dessa maneira, temos tradicionalmente um ensino de ciências que trabalha uma Educação Sexual marginalizante, em que a sexualidade hegemônica é adotada como padrão para seus trabalhos e os aspectos da sexualidade relacionada à reprodução humana são privilegiados. Outras possibilidades são desconsideradas, ignoradas, marginalizadas. Furlani (2009) compartilha a visão de que há predominância de tais aspectos no que diz respeito à ES de uma maneira em geral e aponta alguns problemas encontrados nela:

- “Reforça o raciocínio de aceitar exclusivamente o envolvimento sexual e afetivo entre pessoas do sexo oposto;
 - Legitima apenas a vida sexual daquelas pessoas que estão no período reprodutivo;
 - Legitima a prática sexual com penetração vaginal como a única e a melhor, favorecendo o preconceito a outras práticas sexuais e à masturbação;
 - Acentua a incompreensão da possibilidade de pessoas do mesmo sexo estabelecerem relacionamentos afetivos sexuais;
 - Dificulta o entendimento e a aceitação de uma sexualidade objetivando o prazer, sem a intencionalidade reprodutiva;
- Engessa a ideia de que a família é necessariamente constituída por um homem, uma mulher e seus filhos.” (FURLANI, 2009, p. 73)

A sexualidade transcende a biologia humana e seus aspectos reprodutivos. Transcende, também, a esfera individual do sujeito, já que a todo momento ouvimos o que há de certo e errado sobre o sexo, o desejo e o modo como vivenciamos o nosso desejo. Para Louro (2010), a sexualidade tem a ver com a forma como “socialmente” vivemos nossos prazeres e nossos desejos, com a forma como usamos nossos corpos, com o que dizemos sobre ele. E é interessante perceber que os aspectos de nossa vida que se relacionam ao nosso desejo e nossa vida sexual são comumente difundidos como sendo algo que diz respeito à nossa intimidade e ao mesmo tempo são tão normatizados, normalizados, vigiados e controlados socialmente, por vários mecanismos diferentes. A escola atua como um desses mecanismos e acaba por instituir, também, normas e normalidades.

As aulas de Ciências e/ou Biologia que pretendem uma abordagem emancipatória da ES provavelmente terão maior resultado se as fronteiras que separam a Biologia de outras ciências, ditas humanas, se tornarem mais estreitas (como a Sociologia, a Antropologia e a História). Essa aproximação faz-se necessária quando se compreende a sexualidade humana como

uma construção histórico-social, culturalmente inserida. Dessa forma, torna-se maior o campo de reflexão sobre o qual os alunos podem atuar ao pensarem e repensarem sobre os aspectos que regulam suas vidas, que os oprimem e que os tornam, também, opressores, que os constroem socialmente, humanamente. Em busca, enfim, de libertarmos-nos cada vez mais de normas e regras que servem aos mecanismos de controle e de buscarmos cada vez mais subsídios para tornar a escola uma instituição que não sirva primordialmente à domesticação de sujeitos, mas sim à criação de resistências.

Corpo

As aulas de Ciências e de Biologia utilizam geralmente livros didáticos para dar suporte ao trabalho pedagógico realizado em sala de aula. Esses materiais, contudo, abordam o corpo humano também de forma cartesiana e ascética. Cartesiana por apresentá-lo dividido anatomicamente em sistemas e órgãos que parecem desprovidos de um contexto e de um sujeito, que parecem funcionar como pequenas máquinas conectadas entre si e desprovidas de um todo maior, que é um sujeito inserido em uma cultura e em um processo histórico. Ascético na medida em que destitui o ser humano de desejo, reduzindo-o a pequenos quadros e textos complementares, descontextualizando os processos que se

relacionam à construção desse corpo. Mônica Meyer (2010) chama de *corpo didático* esse modelo de corpo humano apresentado pelos livros didáticos de Ciências e Biologia. Esta representação não atende aos objetivos da educação sexual emancipatória.

O corpo humano é muito mais que um aparato biológico. É um construto sobre o qual atuam padrões e valores sociais, apresentando marcas de tempo e de espaço que não apenas constituem a história de vida de seus sujeitos, como as transcendem. Ele é produto da história e da cultura que se associam a uma biologia que é também histórica e cultural. Como nos afirma Goellner (2010, p.28): “o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a numerosas intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz”.

Os padrões de beleza vigentes, os padrões de beleza que já não são mais valorizados, as tantas possibilidades de intervenções cirúrgicas com finalidades estéticas, as substâncias que são utilizadas cada vez em maior quantidade com objetivo de alterar a estrutura física do corpo, distúrbios alimentares, são apenas alguns aspectos da vida humana relacionados em grande medida à noção social de corpo humano. Uma educação emancipatória deve trabalhar em sala de aula esses corpos que existem, não o suposto corpo-máquina da Biologia que pouco se insere na rede de

significação dos alunos. Por meio de uma abordagem emancipatória podemos contestar não apenas padrões de comportamento e normas relacionadas aos nossos desejos, mas também aquelas que falam sobre nossos corpos e participam de suas edificações. Corpos que constituem e significam sujeitos e que, por conseguinte, também constituem e significam desejos.

Novamente aqui cabe a ideia de uma aproximação entre as várias disciplinas que podem trabalhar a ideia de construção, edificação e constituição do corpo humano. Corpo este que, sem dúvida, tem uma biologia, mas uma biologia que, sozinha, não é capaz de atribuir sentidos e significados necessários aos processos de emancipação dos sujeitos. O ensino de ciências, ao estreitar laços com outras ciências, pode trabalhar esse corpo multifacetado, problematizando junto aos estudantes a maneira como são construídas suas percepções a respeito de seus corpos, suas sexualidades, seus desejos e seus modos de viver.

Gênero

Discussões sobre gênero estão entrelaçadas a visões sobre sexualidade e corpo. Podemos nos referir a gênero como uma categoria de análise que tenta explicar, a partir da elaboração cultural do sexo, os papéis sociais construídos em torno do que seja

feminino/masculino e que rejeita as ideias de que as diferenças entre feminino/masculino estejam relacionadas ao sexo biológico dos indivíduos, rejeitando, portanto, o determinismo biológico. Assim, entende-se que os modos como homens e mulheres se comportam não são universais, mas variam em menor ou maior grau a depender da cultura em que os indivíduos estão inseridos.

Há um modelo típico de homem associado à ideia de masculino e outro de mulher, associado à ideia de feminino. Ambos são construções sociais e que muitas vezes variam entre sociedades. Discutir ideias sobre gênero é importante porque as relações de gênero frequentemente estruturam não apenas diferenças de gênero, mas, sobretudo, estruturam também desigualdades, preconceitos e discriminações de gênero – o que obviamente deve ser combatido por uma educação que se pretende emancipatória, libertadora.

A Educação Sexual deve abrir espaço para discutir o que de fato há entre o sexo biológico e o gênero, no contexto do ensino de ciências. Cabe à ES discutir e problematizar os modos de olhar para as categorias de masculino e feminino em nossa sociedade, buscando desconstruir as desculpas biológicas que balizam tantos preconceitos e discriminações. É importante, para uma prática emancipatória, que as possibilidades de *ser* e *existir* em nossa sociedade sejam pensadas e que as limitações sobre as nossas possibilidades de *ser* e de *existir* sejam colocadas em xeque. Dessa

maneira, talvez estejamos rumando em direção a uma Educação Sexual que seja um espaço de acolhimento para os sujeitos em suas mais variadas dimensões.

Propostas de trabalho

As propostas foram separadas de acordo com os principais temas abordados em cada uma delas. Elas podem ter durações diferentes, a depender das atividades elaboradas para trabalhar cada tema. Cada proposta, então, pode ser dividida em etapas, a depender da duração dos encontros que cada professor tem com suas turmas e até mesmo a depender do perfil de cada turma.

9

1. Modelando corpos em argila: o corpo do homem, o corpo da mulher

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para a pesquisa empírica desenvolvida durante o mestrado sobre Educação Sexual Emancipatória para a Educação Sexual de Jovens e Adultos.

Objetivos da atividade

- Provocar diálogos entre os/as alunos/as a respeito do “corpo do homem” e do “corpo da mulher”;
- Permitir que noções a respeito de corpo possam emergir entre os/as alunos/as;

- Conhecer algumas das imagens e impressões que os alunos trazem sobre o corpo;
- Abrir espaço para que o desconforto, a timidez e a vergonha se manifestem e, aos poucos, se dissolvam;
- Possibilitar conflitos que sinalizem situações sobre as quais possam ser feitas reflexões críticas sobre os temas correlatos à Educação Sexual.

Organização da atividade

- Os estudantes trabalham em grupos, escolhidos livremente por eles. Dessa maneira, estimula-se o diálogo, o confronto e o entrosamento entre os/as alunos/as.
- Cada grupo deve receber um pacote de argila.
- O/a professor/a orienta os alunos a modelar um corpo feminino e um corpo masculino, procurando enfatizar os caracteres sexuais segundo sua anatomia externa e enriquecer os modelos com o máximo de detalhes anatômicos possíveis.
- O/a professor/a circula em sala ouvindo atentamente os diálogos estabelecidos entre os estudantes, procurando reconhecer os conteúdos desses diálogos que o/a auxiliem professor/a a compreender e conhecer imagens, noções e conhecimentos prévios que os/as alunos/as trazem e que contribuirão para nortear os próximos trabalhos sobre o tema.

- Após a confecção dos modelos, os/as alunos/as organizam os bonecos e observam, avaliam e analisam os bonecos apresentados pelos outros grupos.
- Os/as alunos/as sentam-se em círculo e o/a professor/a estimula um diálogo sobre o processo de criação dos bonecos, o resultando final e levanta questões que tenha percebido como relevantes acerca dos diálogos que escutou sensivelmente e dos próprios modelos. Nesse momento, novas imagens e ideias sobre a construção social do corpo podem ser apresentadas ou mesmo podem emergir, possibilitando uma discussão que extrapola os aspectos anatômicos.

Sugestões

- ✓ Vale a pena observar a representação da vulva, para perceber se os alunos a representam com detalhes ou se apenas apresentam sua *silhueta*.
- ✓ Perceber a diferença entre a qualidade e a fidelidade de representação entre genitálias masculinas e femininas.
- ✓ Observar se aspectos anatômicos discretos são representados, como, por exemplo, o orifício da uretra.
- ✓ Vale a pena discutir representações mais simbólicas das estruturas anatômicas, como, por exemplo, a exposição de dois testículos sem a presença da bolsa escrotal ou, ainda, a representação dos testículos na região abdominal, acima do pênis.

2. Diálogos sobre estruturas do sistema genital

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para a pesquisa empírica desenvolvida durante o mestrado sobre Educação Sexual Emancipatória para a Educação Sexual de Jovens e Adultos.

Objetivos da atividade

- Identificar conhecimentos prévios associados aos sistemas genitais feminino e masculino;
- Conhecer a familiarização dos/as alunos/as com as imagens apresentadas em livros didáticos e o modo como fazem a leitura dessas representações;
- Observar possíveis relações entre a linguagem própria dos/as alunos/as e a nomenclatura “técnica” associada às estruturas representadas, buscando conhecer que termos lhes são mais familiares;
- Incentivar o diálogo e a negociação entre os/as alunos/as, possibilitando que conhecimentos prévios sejam socializados e discutidos;
- Apresentar a nomenclatura científica às/os alunas/os.

Organização da atividade

- As/os alunas/os trabalham em grupos, escolhidos livremente por eles. Dessa maneira, busca-se estimular o diálogo, o confronto e o entrosamento entre os alunos.
- O/a professor/a entrega a cada estudante uma imagem retirada de livro didático que representa órgãos do aparelho genital, com ênfase nos órgãos internos.
- Os grupos são orientados a tentar atribuir nomes aos órgãos indicados na figura, de acordo com o vocabulário e conhecimento prévios, sem interferência do/a professor/a.
- Cada grupo recebe uma imagem sobressalente para colocar as respostas e entregar para o/a professor/a, para facilitar a compilação, o estudo e o reconhecimento das informações sobre a negociação entre os alunos a respeito de seus conhecimentos prévios.
- O/a professor/a circula em sala ouvindo atentamente os diálogos estabelecidos entre os estudantes, procurando reconhecer os conteúdos desses diálogos que o/a auxiliem a compreender, conhecer e reconhecer imagens, noções e conhecimentos prévios que os alunos trazem e que poderão contribuir para orientar os próximos trabalhos sobre o tema.
- Após o término da atividade, o/a professor/a avalia as respostas dadas, em busca de informações que auxiliem na condução de um diálogo com a turma.
- Cada aluno/a cola em seu caderno a imagem que recebeu.
- Os/as alunos/as sentam-se em círculo e o/a professor/a inicia a proposição de discussões relacionando a modelagem

feita com argila (na aula anterior) e o modelo apresentado no livro didático, atribuindo “nomes técnicos” (formais) às estruturas representadas. Os alunos fazem anotações.

- Discutem-se os conhecimentos prévios e sua relação com os conhecimentos apresentados pelo/a professor/a.

Sugestões

- ✓ Vale a pena tentar perceber se as mulheres mais velhas detêm maior conhecimento sobre seus órgãos internos que as mais jovens e que os homens, e, posteriormente, ao longo da discussão, procurar identificar onde adquiriram tais conhecimentos.
- ✓ Pode ser importante estar atento à confusão que alguns alunos fazem quando utilizam termos populares para se referir a órgãos como os testículos ou estruturas como a bolsa escrotal. Ensinar e diferenciar saco/bolsa escrotal de “ovos” ou “bolas”, que são os testículos.
- ✓ Perceber a familiaridade ou ausência desta dos alunos homens em relação à existência da próstata. Apresentá-la como glândula presente em todos os homens e tentar evidenciar a proximidade entre a próstata e o intestino, o que justifica o exame de toque retal.

3. Diálogos sobre a genitália externa

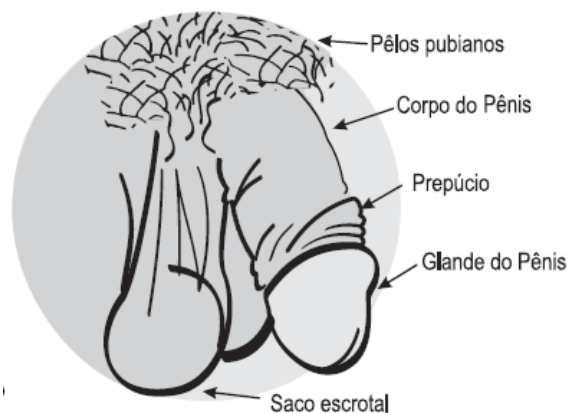
Atividade elaborada pela autora deste trabalho para a pesquisa empírica desenvolvida durante o mestrado sobre Educação Sexual Emancipatória para a Educação Sexual de Jovens e Adultos.

Objetivos

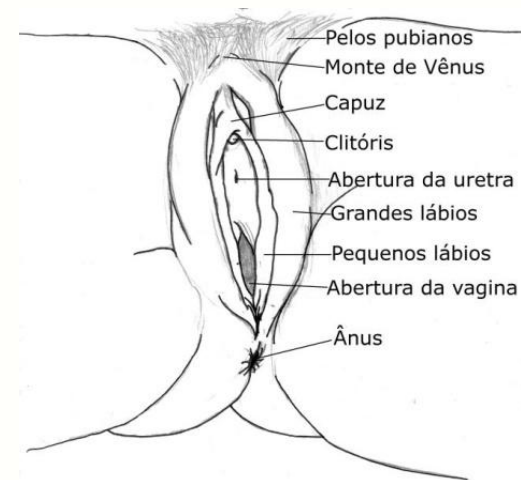
- Identificar os conhecimentos prévios dos/as alunos/as associados às genitálias externas, feminina e masculina;
- Conhecer a familiarização dos alunos com as imagens apresentadas em livros didáticos e o modo como fazem a leitura dessas representações;
- Observar relações entre a linguagem própria dos alunos e a nomenclatura científica associada às estruturas representadas, buscando conhecer que termos lhes são mais familiares e como se sentem ao pronunciá-los;
- Conhecer imagens e concepções dos alunos sobre o corpo feminino e sobre o corpo masculino;
- Incentivar o diálogo e a negociação entre os alunos, possibilitando que os conhecimentos prévios sejam socializados e discutidos;
- Apresentar a nomenclatura científica às/aos alunas/os.

Organização da atividade

- Os/as alunos/as trabalham em grupos, escolhidos livremente por eles. Contudo, neste momento, com a restrição de que sejam formados grupos separados por sexo. Mulheres apresentam e socializam seus conhecimentos entre si, separadamente dos homens. E vice-versa. A ideia é tentar perceber que conhecimentos as alunas trazem sobre seus corpos e que conhecimentos os homens trazem sobre corpos de mulheres.



Fonte: Rede Jornal Escola e Comunicação e Cultura. Série Saúde Sexual. Folha educativa 2. Endereço eletrônico: comcultura.org.br/nossas-publicacoes/ Acesso em junho de 2012.



Fonte: Wikipedia. Endereço eletrônico: pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Esquema_da_vulva.jpg Acessado em junho de 2012.

- O/a professor/a entrega a cada estudante uma imagem que representa uma vulva e uma que representa o pênis e o saco escrotal. As imagens têm suas legendas substituídas por números para a realização da atividade.
- Os grupos são orientados a tentar atribuir nomes às estruturas indicadas nas figuras, de acordo com seu vocabulário prévio, sem interferência do/a professor/a.
- Cada grupo recebe uma imagem sobressalente para cada imagem para colocar as respostas e entregar para o/a professor/a, para facilitar a compilação e o estudo das

informações sobre a negociação entre os alunos a respeito de seus conhecimentos prévios.

- O/a professor/a circula em sala ouvindo atentamente os diálogos estabelecidos entre os/as alunos/as, procurando reconhecer os conteúdos desses diálogos que auxiliem a compreender, conhecer e reconhecer imagens, noções e conhecimentos prévios que os alunos trazem e que possam contribuir para orientar os próximos trabalhos sobre o tema.
- Após o término da atividade, o/a professor/a avalia as respostas dadas pelos estudantes para que possa conduzir um diálogo com a turma.
- Os/as alunos/as sentam-se em círculo e o/a professor/a propõe discussões relacionando os modelos feitos em argila e as imagens representadas por meio de esquemas.
- São atribuídos nomes técnicos às estruturas apontadas, os alunos colam a imagem em seu caderno e fazem anotações.

Sugestões

- ✓ Vale a pena tentar perceber as imagens que as mulheres e os homens têm sobre sua genitália. Acham esquisita? Feia? Bonita? Interessante? Reagem da mesma maneira ou de maneira diferente frente às imagens? Como reagem os homens frente à genitália masculina? E as mulheres? Como reagem os homens frente à genitália feminina? E as mulheres?
- ✓ Observar se as alunas conhecem a estrutura da vulva, se ela lhes parece familiar ou não. Ouvir

atentamente como negociam os nomes das estruturas entre si.

- ✓ Observar se os alunos homens conhecem a estrutura da vulva, se a imagem lhes parece familiar ou não. Comparar com a reação das mulheres frente à mesma imagem. Ouvir atentamente como negociam os nomes das estruturas entre si.
- ✓ Observar se as alunas conhecem a estrutura do pênis, se lhes parece familiar ou não. Ouvir atentamente como negociam os nomes das estruturas entre si.
- ✓ Observar se os alunos conhecem a estrutura do pênis e anexos, se ela lhes parece familiar ou não. Ouvir atentamente como negociam os nomes das estruturas entre si.
- ✓ Muitas vezes é possível perceber por meio de comentários curtos o desconhecimento de homens e mulheres dos aspectos relacionados à genitália feminina. Observe se algumas alunas acham estranha a presença de dois orifícios, o canal vaginal e o orifício da uretra. É importante chamar a atenção para isso, pois muitas vezes elas desconhecem essa anatomia.
- ✓ É possível que para falar sobre o clitóris, quando o termo for desconhecido, os/as alunos/as se refiram a essa estrutura relacionando-a com o “prazer”. Também pode ocorrer essa associação com a glândula. É interessante trabalhar, nesses casos, uma noção mais integral da ideia de prazer, que não o reduza a

- um conjunto de terminações e conexões nervosas relacionadas ao estímulo de uma região anatômica.
- ✓ Caso se tenha trabalhado com as imagens dos órgãos internos, vale a pena comparar a familiarização que os/as alunos/as demonstram quando se trata do que seja interno e do que seja externo. Vale a pena tentar responder: em alguns casos, as/os alunas/os conhecem melhor seus órgãos internos que sua genitália externa? Sim ou não? De onde vêm seus conhecimentos? O que poderia servir como justificativa para isso?

4. Diálogos sobre o prazer: geografia, mídia e ciência.

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexua Emancipatória na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

- Identificar e dialogar sobre as imagens, noções e concepções que os estudantes têm sobre *prazer*;

- Apresentar, confrontar e problematizar informações veiculadas na mídia e em livros didáticos sobre possíveis localizações de “pontos de prazer”;
- Apresentar aspectos biológicos relacionados a regiões de grande sensibilidade e discutir a existência dessas regiões e suas possíveis relações ou não tanto com prazer como com a dor, compreendendo as relatividades entre as possíveis sensações relacionadas à estimulação das regiões sensíveis;
- Apresentar ideias sobre as diferentes possibilidades e significações de prazer, discutindo como a ideia de prazer é diferente entre as pessoas e como a própria vivência do prazer depende de muitos aspectos que vão muito além de nossa biologia.

Organização da atividade

- Os estudantes trabalham em grupos, escolhidos livremente por eles.
- O/a professor/a apresenta, por meio de projeção, o conteúdo sobre zonas erógenas presente na reportagem “Mapa das zonas erógenas”, da revista **Nova**. O conteúdo pode ser acessado em: <http://nova.abril.com.br/especiais/mes-namorados-2010/mapa-zonas-erogenas/>. **Observação: o material pode ser inadequado para turmas onde haja alunos/as menores de idade.**

- Os alunos, em grupo, discutem as questões motivadoras em seus grupos. Algumas questões sugeridas são:

- Por que algumas regiões de nossos corpos são chamadas “zonas erógenas”?
- Será que todas as pessoas percebem da mesma maneira determinado tipo de carinho ou de contato em determinada zona erógena?
- A sensação de prazer durante uma relação sexual pode estar relacionada, em certa medida, à estimulação de zonas erógenas. Mas, para que uma pessoa se interesse e sinta desejo por outra, o que é necessário? Que relações existem entre desejo e prazer?
- Se uma pessoa que não se interessa e não sente desejo por outras for estimulada em suas zonas erógenas, você acha que ela passará a desejar ou sentir tesão imediatamente por esta pessoa?

- O/a professor/a apresenta algumas noções sobre regiões sensíveis, relacionando a ideia de sensação e toque à fisiologia do sistema nervoso.
- Os estudantes sentam-se em círculo e o/a professor/a propõe discussões relacionando os temas abordados e as questões motivadoras.

Sugestões

- ✓ Observar a ocorrência de possíveis mitos e tabus, tais como:
 - O mito do orgasmo como significado único de prazer.
 - O mito sobre a diferença entre homens e mulheres no que diz respeito à intensidade do desejo sexual.
 - O mito sobre a estimulação clitoridiana como única possibilidade para orgasmo feminino.
 - O mito de que as mulheres só atingem o orgasmo por meio de penetração vaginal.
 - O tabu contra o sexo anal e o mito de que essa possibilidade sexual traz necessariamente problemas para a saúde ou prejuízos físicos.
 - O tabu contra sexo oral.
 - O mito sobre o uso da camisinha masculina como limitante do prazer sexual.
 - O tabu contra a prática sexual feminina após o climatério.
- ✓ É importante estar atento a possíveis preconceitos de gênero que podem surgir nesse contexto, em que mulheres que esboçam maior interesse em relações sexuais, efêmeras ou não, são muitas vezes retratadas de forma pejorativa.

- ✓ Tentar compreender como a turma percebe a ideia de *prazer* e que diferenças estabelecem entre homens e mulheres em relação às possibilidades e formas de alcançá-la.
- ✓ A turma demonstra considerar adequado que mulheres tenham necessariamente uma relação romântica com o fenômeno do prazer sexual?
- ✓ A turma demonstra acreditar que, para os homens, a necessidade ou a idealização de romances é menos importante para a qualidade da relação sexual?
- ✓ Perceber se a turma retrata homens como tendo maior interesse sexual que mulheres e, em caso afirmativo, a que atribuem essa diferença.
- ✓ Perceber se há uma diferença na imagem que os/as alunos/as têm sobre homens que demonstram interesse por sexo e mulheres que demonstram esse interesse. Questionar, junto à turma, como se origina essa visão.
- ✓ Discutir a influência que a sociedade tem em nossas vidas em relação às normas de comportamento que dita como sendo as únicas normais, adequadas, saudáveis e positivas.

5. Interdição e prazer - Atividade com filme

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexual Emancipatória na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

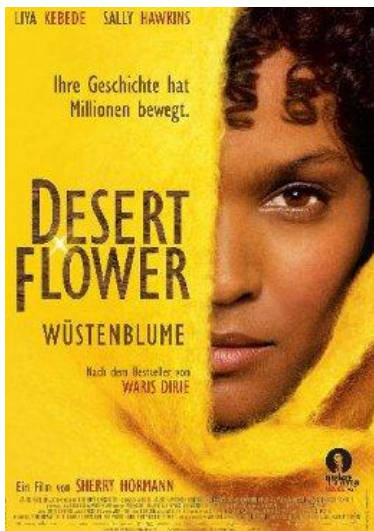
- Conhecer um pouco mais sobre possíveis relações de dominação entre homens e mulheres em outras culturas;
- Refletir sobre as relações de gênero em nossa cultura a partir de reflexões sobre essas relações em culturas diferentes;
- Conversar sobre a ideia de interdição do prazer e a sujeição de mulheres em relação a homens em nossa sociedade;
- Ampliar a discussão sobre violência sexual e de gênero.

Organização da atividade

- A turma assiste ao filme *Flor do Deserto*, dirigido por Sherry Hormann no ano de 2009. O filme conta a história da modelo somaliana Waris Dirie, que nasceu em uma família de criadores de gado, na Somália. Após fugir de um casamento arranjado, aos 13 anos, Waris Dirie passa a viver

em Londres. Ela se torna famosa após virar modelo, mas convive com o sofrimento de ter sido submetida à mutilação clitoridiana e passa a lutar contra essa prática.

- Após a exibição do filme os alunos sentam-se em círculo para participar de debate iniciado pelo/a professor/a, a partir de elementos disparadores, tais como as seguintes questões:



Quais podem ser os significados da mutilação genital feminina no caso da tribo somaliana apresentada no filme?

Nos grupos culturais somalianos representados no filme, há predominância de uma moral religiosa sobre a vida sexual de homens e mulheres?

O que os alunos pensam sobre a dominação de homens sobre mulheres, representada no filme?

Em nossa sociedade, há algum tipo de dominação de homens sobre mulheres que pode ser evidenciada por meio de questões relacionadas a sexo e sexualidade? Qual? Como acontece?

É possível perceber aspectos culturais que, em nossa sociedade, oprimem homens e mulheres em relação a sua sexualidade?

- O/a professor/a entrega aos alunos alguns artigos da Lei 11.340, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha. Os alunos realizam a leitura em voz alta do texto.
- O/a professor/a solicita uma redação para encerrar as atividades, a ser escrita em casa. As redações devem contemplar as discussões em sala e o/a professor/a pode propor alguns temas, como por exemplo:

- I. Prazer sexual: direitos iguais para homens e mulheres.
- II. Os homens não têm direitos sobre as mulheres... mas alguns pensam que sim.
- III. Conscientização, educação e legislação: alianças para garantir os direitos das mulheres.

- Após a entrega das redações o/a professor/a realizada a leitura de cada uma delas e, para a aula seguinte, pode suprimir o nome dos/as autores/as dos textos e, então, entregar cada texto a diferentes alunos, socializando as ideias apresentadas.

LEI 11.340/2006 – “Lei Maria da Penha”

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Art. 6º A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos.

Sugestões

- ✓ Perceber se entre os alunos há ideia de que entre casais heterossexuais (marido/mulher, namorado/namorada) há prerrogativa de direitos dos homens sobre as mulheres.
- ✓ É interessante estimular o debate sobre a atenção que os homens dão ao prazer feminino durante as relações sexuais e/ou a percepção que eles têm sobre o prazer das mulheres.
- ✓ Faz-se necessária discussão sobre o lugar da mulher e o lugar do homem nas relações sexuais estabelecidas entre homens e mulheres. Há sujeição de um em relação ao outro? De quem? Por quê? É legítimo? Satisfaz a ambos? É saudável?

6. Possibilidades de ser – Trabalhando com texto literário.

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para a pesquisa empírica desenvolvida durante o mestrado sobre Educação Sexual Emancipatória para a Educação Sexual de Jovens e Adultos.

Objetivos

- Motivar reflexões a respeito da constituição dos sujeitos e das particularidades que individualizam os seres humanos;
- Reconhecer a existência de uma pressão social em torno da relação do ser humano com seu corpo e seu comportamento, inclusive do comportamento sexual;
- Possibilitar reflexões sobre a construção social das individualidades e sobre o caráter normativo e normalizador das concepções que existem sobre feminino e masculino, sobre o que é ser saudável ou sobre a ideia de “normal”.

Organização da atividade

- O/a professor/a entrega a cada aluno/a uma cópia do texto literário **A bailarina**, de Chico Buarque e Edu Lobo.

- A turma realiza a leitura do texto em voz alta, mediada pelo/a professor/a que escolhe ao acaso os alunos que farão a leitura de cada trecho.
- Os alunos respondem individualmente, por escrito, a um questionário motivador, com as seguintes perguntas:
 1. Quem é a tal bailarina de que o texto trata? Ela é uma personagem real?
 2. Com suas próprias palavras, como você descreveria a personagem retratada pelo texto?
 3. Você já conheceu alguém que possa ser descrita/o como a personagem do texto? Se sim, quem? Se não, onde você acha que uma pessoa como esta pode ser encontrada?
 4. Você acha que em nossa sociedade existe uma pressão para que tentemos ser como a bailarina retratada pelo texto? Se esta pressão existe, ela é igual para homens e mulheres? Explique.
 5. Como você acha que a vida em sociedade afeta o nosso modo de **ser**?
- O/a professor/a recolhe os questionários e estuda as respostas dadas pelos alunos, para que possa inaugurar um diálogo sobre os principais aspectos apontados pelos estudantes, procurando discutir a influência do *social* sobre as formas de ser, sentir e pensar dos indivíduos.

Ciranda da Bailarina

(Chico Buarque e Edu Lobo)

Procurando bem
Todo mundo tem pereba
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, tem lombriga, tem ameoba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira
Berruga nem frieira
Nem falta de maneira
Ela não tem

Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem

Não livra ninguém
Todo mundo tem remela
Quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina
Ou tem febre amarela
Só a bailarina que não tem

Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem
Quem não tem

Confessando bem
Todo mundo faz pecado
Logo assim que a missa termina

Todo mundo tem um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem
Sujo atrás da orelha
Bigode de groselha
Calcinha um pouco velha
Ela não tem

O padre também

- Após estudar as respostas o/a professor/a escreve no quadro palavras-chave extraídas das respostas do/as alunos/as que possam auxiliar na problematização intencionada.
- Os alunos discutem as respostas e as questões levantadas pela turma e pelo/a professor/a.

Sugestões

- ✓ É interessante perceber a diversidade de leituras e interpretações que os alunos fazem do texto literário e das próprias perguntas do questionário.
- ✓ Muitas vezes os alunos dizem que não existe ninguém como a bailarina, pois ninguém é *perfeito*. Vale a pena discutir e trabalhar a ideia de *perfeição* e a origem dos ideais de perfeição, seja em relação a padrões de beleza física, a comportamento ou valores. De onde vêm? Como surgem? Como impactam nossa vida? Sempre foram os mesmos?

- Como mudaram ao longo do tempo? Quais são os nossos defeitos e por que eles são vistos como tal?
- ✓ É possível que surjam, neste contexto, discussões que se relacionam com identidades de gênero. O que se exige de mulheres é igual ao que se exige dos homens? Como as exigências e as limitações que perspectivas de gênero impõem a homens e mulheres afetam a vida desses alunos? Como eles as percebem?

7. Possibilidades de ser – Trabalhando com reportagem de revista

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexual na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

- Discutir sobre imagens acerca do sexo e da sexualidade das pessoas em nossa sociedade;
- Questionar e confrontar preconceitos relacionados a diferentes identidades sexuais que fujam à hegemônica;

- Problematizar as influências políticas, religiosas e de outras naturezas sobre a vida das pessoas, problematizar a extensão que elas têm sobre a vida sexual e amorosa humana;
- Questionar a predominância de valores religiosos em um país laico e trabalhar a conscientização dos alunos com relação ao respeito às diferenças;

Organização da atividade:

- Leitura em voz alta realizada pelo/a professor/a de resumo do artigo *Atração entre iguais*. O artigo, na íntegra, pode ser encontrado no endereço eletrônico: <http://super.abril.com.br/ciencia/atracao-iguais-438033.shtml>
- O/a professor/a inicia discussão sobre as possibilidades da vida sexual humana com base na leitura do artigo.
- A turma dialoga sobre o tema, sendo mediada pelo/a professor/a que intervém de forma a tentar garantir diálogos horizontais.

Sugestões

- ✓ Observar como se comportam os alunos frente a seus ideais morais e religiosos, se seus discursos são opressores e homofóbicos ou não.
- ✓ É importante estar atento a palavras-chave tais como “natural”, “natureza” e “normal”. Muitas vezes, por

trás desses termos, há uma visão moralista e preconceituosa sobre as possibilidades do desejo humano, que tenta se justificar no determinista biológico.

- ✓ Nas turmas da EJA é frequente que um discurso religioso seja evocado como fonte de verdades absolutas. Neste caso, é importante reforçar a ideia de que a religião, no Brasil, é de livre escolha, de que o estado é laico. Assim, discutir a tolerância religiosa e o respeito às diferenças faz-se necessário no contexto das aulas de ciências.

8. Possibilidades de ser – Trabalhando com filmes

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexual Emancipatória na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

- Iniciar um diálogo sobre outras formas biológicas de **ser**;
- Questionar os limites da classificação da humanidade em dois gêneros, o feminino e o masculino;

- Possibilitar a ampliação da discussão sobre fronteiras sexuais e de gênero;
- Reconhecer que a sociedade em que vivemos tenta enquadrar as múltiplas diversas formas de existência em algumas poucas categorias;
- Reconhecer que as categorias em que a sociedade tenta enquadrar os fenômenos humanos determinam e se baseiam em regras de normal e anormal, ou de normal e patológico que muitas vezes são arbitrárias e só podem ser compreendidas em relação ao contexto histórico-cultural em que existem;
- Problematizar a influência das ideias de normal sobre as concepções, emoções e o comportamentos das pessoas, que influencia na forma como se relacionam e lidam com outras pessoas;
- Reconhecer a força da interdição social, por meio de normas e mecanismos de controle social, sobre o corpo e sobre a sexualidade das pessoas e algumas possíveis consequências;
- Reconhecer que há uma tendência social em tratar as diferenças como *inferioridades*, problematizando uma tendência em nossa sociedade preconceituosa que marginaliza diferenças.

Organização da atividade

- Os alunos assistem ao longa-metragem argentino XXY, um drama dirigido pela cineasta Lúcia Puenzo (2007). O filme apresenta a história de um casal e

sua filha Alex, uma adolescente *intersexo* que foi criada para ser uma menina. A família de Alex teria se mudado para uma pequena cidade litorânea do Uruguai na tentativa de proteger a filha dos possíveis preconceitos que sua condição poderia gerar até que chegasse a hora de que pudesse decidir pela intervenção cirúrgica.



- Após a exibição do filme o/a professor/a fala aos alunos sobre *intersexo*, esclarecendo sobre diferentes possibilidades de desenvolvimento dos sistemas genitais em seres humanos. O/a professor/a esclarece que o termo antigo para se referir à intersexualidade é o hermafroditismo. O hermafroditismo tornou-se um termo estigmatizado por levar em consideração apenas os órgãos genitais, e geralmente, os órgãos externos.
- O/a professor/a e os alunos podem debater as possibilidades de atitudes dos pais de bebês *intersexo* e as amarras sociais que tentam determinar uma estreita relação entre sexo e gênero. Para motivar o debate sugiro questões disparadoras como:

- ☒ Que tensões a protagonista do filme vive? Quais delas são marcadas pela influência do social em sua vida individual?
- ☒ Quando um bebê é diagnosticado como *intersexo*, os pais podem optar por uma intervenção cirúrgica para determinação de um único sexo. O que você acha disso? Cabe aos pais decidir? Como essa decisão pode afetar positivamente e negativamente a vida futura dessa criança?
- ☒ Se um bebê diagnosticado como *intersexo* cresce e, em sua vida adulta, opta por não realizar intervenção cirúrgica para definição

de um único sexo, como ele deve ser reconhecido socialmente? Como homem ou como mulher? O que define um homem ou uma mulher?

- ☒ Por que é tão importante socialmente uma definição sexual específica para os indivíduos? Por que parece não ser muito bem aceita a ideia de que uma pessoa *intersexo* viva da maneira como nasceu, sem realizar intervenções cirúrgicas, podendo ser feliz e levar uma vida tranquila?

Sugestões

- ✓ Ao longo da exibição do filme o/a professor/a pode eleger trechos em que haja diálogos interessantes para pensar a discussão. Entretanto, caso não queira interromper a dinâmica de exibição do filme, pode entregar aos alunos, posteriormente e em folha de papel, trechos interessantes que podem servir como norteadores para discussões.

“(…) Sou as duas coisas” (Alex)
 “Mas você gosta de homens ou de mulheres?” (Alvaro)
 “Não sei” (Alex)

- ✓ Para discutir outros aspectos sobre as múltiplas possibilidades de *ser*, filmes que debatem outras identidades sexuais podem ser bastante

interessantes. Uma sugestão é o filme *Transamérica*, um drama estadunidense dirigido por Duncan Tucker (2005). Este filme retrata a história de Bree, uma transsexual que deseja realizar uma intervenção cirúrgica para mudança de sexo quando descobre que tem um filho adolescente que não conhece, fruto de um relacionamento de Bree quando ainda era homem. Seu filho está preso e Bree decide tirá-lo da prisão, sem identificar-se como pai, afinal, é uma mulher.

9. *Sangra todo mês e não morre – Diálogos sobre o ciclo menstrual.*

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexual na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

- Esclarecer conceitos relacionados ao ciclo menstrual feminino;
- Compreender o mecanismo fisiológico envolvido no ciclo menstrual;
- Reconhecer a menstruação como processo orgânico e fisiológico relacionado à preparação do útero feminino para uma possível gravidez;

- Desconstruir visões que supõem que as mulheres apresentam ciclos regulares e as visões que pregam que as mulheres manifestam de forma semelhante possíveis efeitos psicológicos e comportamentais decorrentes das variações hormonais sofridas ao longo dos ciclos;
- Desmistificar e dissolver visões negativas e incorretas sobre a menstruação;
- Estimular as mulheres a observarem seus corpos de forma a compreender que seus processos são dinâmicos e variáveis, tanto em relação aos processos vividos por outras mulheres como em relação aos seus próprios processos e ritmos.

Organização da atividade

- O/a professor/a entrega, a cada aluno, uma folha de papel contendo pequenos trechos que fazem alusão à menstruação. Os textos entregues não são acompanhadas das referências bibliográficas.
- Os alunos são orientados a avaliar, atribuindo notas de 0 a 5, cada um dos trechos lidos. A variação de 0 até 5 relaciona-se com o nível de concordância que o aluno tem com o fragmento de texto em questão. Sendo zero o menor grau de concordância e 5 o grau máximo.
- O/a professor/a discute cada fragmento de texto, solicitando aos alunos que falem em voz alta a nota atribuída a cada um deles, estimulando o diálogo entre

aqueles alunos que atribuíram notas muito diferentes entre si.

- Após discutir sobre cada fragmento de texto, o/a professor/a apresenta a referência bibliográfica e promove uma discussão sobre a influência de várias áreas de conhecimento e de tradições históricas e filosóficas sobre o nosso modo de *ver* os fenômenos relacionados ao corpo.
- O/a professor/a apresenta o funcionamento e a regulação do ciclo menstrual feminino, contribuindo para a aquisição de sentido por parte dos alunos sobre o fenômeno da menstruação.

Menstruação é uma regra que vem todo mês para eliminar todas as impurezas. Apesar de ser ruim, é bom pra mulher. (Aluno da EJA, em questionário.)

O Sol, Vei e a Lua, Capei eram bons amigos e estavam sempre juntos. Capei era um jovem índio forte, com um rosto muito bonito e limpo. Um dia, ele se apaixonou por uma das filhas de Vei e brincou com ela durante a noite. Vei não queria que os jovens se casassem e obrigou sua filha a molhar o rosto de Capei com seu sangue menstrual. Daí em diante, Vei e Capei passaram a se detestar e sempre aparecem nos dois extremos do céu, com a maior distância que podem um do outro. É por isso que a Lua, Capei, tem manchas negras em seu rosto antes tão bonito.

(Astronomia do Macunaíma, lendas dos índios brasileiros, Freitas Mourão, 1984)

A partir da puberdade, a mulher entra na fase reprodutiva da vida, que vai, aproximadamente, até os 50 anos de idade. Nesse período, a cada 28 dias em média, o organismo feminino prepara-se para a reprodução. Essa preparação consiste em produzir óvulos e desenvolver o revestimento da parede uterina para receber o embrião que eventualmente se forme. Se a fecundação não ocorre, a porção crescida do endométrio descama-se e é eliminada através da vagina, e o organismo feminino reinicia o novo ciclo de preparação.

(Fundamentos da Biologia Moderna, Amabis & Martho, 2006)

Quando uma mulher tiver seu fluxo de sangue, ficará impura durante sete dias [...] Todo móvel em que ela se deitar durante sua impureza, será impuro, e igualmente tudo em que ela se assentar. Quem tocar em sua cama lavará suas vestes, banhar-se-á em água, e ficará impuro [...] Se alguém dormir com ela, e for tocado por sua impureza, será impuro durante sete dias, e toda cama na qual se deitar será impura. (Levítico, 15)

Essa descarga, que produz efeitos tão grandes e singulares, ocorre na mulher a cada trinta dias e em grau maior a cada três meses. Em algumas mulheres, ocorre com mais frequência que uma vez por mês e, em outras, jamais ocorre. As mulheres dessa natureza, porém, não são capazes de ter filhos, porque é dessa substância que o recém-nascido é formado. O sêmen do homem, agindo como uma espécie de fermento, faz com que ela se uma e assumam uma forma e, no devido tempo, adquira vida e ganhe os contornos de um corpo.

(Plínio, o Velho, naturalista romano autor de “Naturalis Historia” que é um compêndio de ciências antigas organizado em 37 volumes)

Sugestões

- ✓ Pode ser interessante incentivar as alunas a fazer um diário sobre seu ciclo menstrual, para perceber melhor seu corpo. Neste diário as alunas escreveriam todos os dias algo sobre seu humor, suas sensações físicas, o desejo sexual e marcariam os dias do ciclo em que esteve menstruada. Além disso, podem descrever alguns aspectos relacionados à cor do sangue expelido, cheiro, textura, entre outros.
- ✓ Observar que tipos de ideias gerais predominam na turma a respeito da influência hormonal sobre o temperamento e comportamento das mulheres. Discutir essas imagens à luz da ideia principal de que as mulheres reagem de maneiras diferentes, tanto

- entre as mulheres como entre os diferentes ciclos de uma mulher.
- ✓ Observar e problematizar possíveis discriminações de gênero que tentem se justificar com base nos fenômenos relacionados ao ciclo menstrual, como argumentos que atribuem à tensão pré-menstrual (TPM) justificativa para a inadequação de mulheres a cargos de chefia, por exemplo.

10. *Sexualidade e envelhecimento: múltiplas possibilidades*

Atividade elaborada pela autora deste trabalho para Educação Sexual na Educação de Jovens e Adultos após a análise dos resultados obtidos em pesquisa de mestrado.

Objetivos

- Repensar a relação entre atividade sexual e envelhecimento;
- Refletir sobre os preconceitos contra a atividade sexual no envelhecimento;
- Compreender parte da fisiologia envolvida no climatério;

- Perceber que a relação entre o envelhecimento e a qualidade da vida sexual humana é muito afetada por questões de natureza psicológica;
- Constatar que o envelhecimento afeta a fisiologia sexual tanto em homens quanto em mulheres;
- Refletir sobre mitos e tabus contra a prática sexual no climatério e sobre os efeitos da menopausa no desejo sexual da mulher.

Organização da atividade

- ✓ O/a professor/a apresenta questões disparadoras para promoção de diálogo:
 - ☒ Em nossa sociedade as relações sexuais não acontecem apenas com a finalidade reprodutiva. A maioria das pessoas relaciona-se sexualmente durante grande parte de suas vidas e, a maioria tem poucos filhos ou mesmo nenhum. O que, em sua opinião, leva as pessoas a praticarem relações sexuais?
 - ☒ Há várias possibilidades de práticas relacionadas a sexo, carinho e desejo. Em sua opinião, desejo e tesão são fenômenos puramente biológicos? Explique sua resposta.

- ☒ Atualmente, seguindo recomendações e orientações médicas, os homens, mesmo após o envelhecimento, podem continuar a ter ereção mediante uso de medicamentos como o popular *Viagra*. O que você pensa sobre a ‘invenção’ de medicamentos como esse?
- ☒ Após uma determinada idade, que varia de mulher para mulher, as mulheres param de ficar menstruadas. Dizemos que ela “entrou na menopausa”. Por que muitas mulheres associam a menopausa à ausência de desejo sexual? O que você pensa sobre isso?
- ✓ Os alunos debatem as questões e, posteriormente, o/a professor/a retoma aspectos fisiológicos e anatômicos do sistema genital para explicar algumas consequências do envelhecimento sobre aspectos biológicos relacionados às atividades sexuais.

Referências bibliográficas

BRASIL - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e quarto ciclos – Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF. 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Pluralidade cultural e orientação sexual, vol. 10. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

FREIRE, PAULO. **A importância do ato de ler.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1967.

_____. **A pedagogia do oprimido.** 46ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação e Mudança.** 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FOUCAULT, MICHEL. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FURLANI, JIMENA. **Mitos e tabus da sexualidade humana.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.194 p.

_____. **Educação sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2011. 190 p.

GIDDENS, ANTHONY. **Sociologia.** 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOELLNER, SILVANA V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

LEWONTIN, RICHARD C. **Biologia como ideologia**: a doutrina do DNA. FUNPEC-Editora. Ribeirão Preto, 2001. 138 p.

MEYER, MÔNICA. De corpo e alma: conversa ao pé do ouvido. In: **Coleção explorando o ensino**: Ciências, Ensino Fundamental. Ministério da Educação, 2010.

WEEKS, JEFFREY. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82.